



## COURTINE, FOUCAULT, PÊCHEUX E A SEMIOLOGIA

João Marcos Mateus Kogawa<sup>1</sup>

Além do caráter heterogêneo das preocupações de Pêcheux, que se desenrolam, em maior ou menor grau, sobre o pano de fundo da relação entre ciência e política, os escritos arquivados no fundo Michel Pêcheux – IMEC – Caen – Abbaye d'Ardenne – nos permitem retomar outra característica crucial para o pensamento pecheutiano, qual seja, o fato de ele estar em constante mudança em relação às suas “filiações”. Não que isso já não tenha sido apresentado ao público brasileiro, mas nesse caso, consideramos interessante retomar as palavras do próprio Pêcheux a propósito da sua vinculação aos trabalhos de Foucault – reconhecendo ter tomado de empréstimo à arqueologia o conceito de formação discursiva, da relativização de sua fase althusseriana, notadamente, do conceito de assujeitamento e, por último, do reconhecimento da possibilidade e da urgência de se refletir sobre diferentes objetos se se quer compreender as mudanças conjunturais ocasionadas pelas novas formas de resistência.

O texto que atualiza essas questões foi escrito para ser pronunciado por Pêcheux em Berlim em janeiro de 1982. Nos arquivos, ele está datilografado e construído sob a forma de questões enumeradas de 1 a 11. Este texto dialoga com um outro: *L'idéologie : citadelle ou espace paradoxal ? Colloque International 1883-1983 : L'œuvre de Marx un siècle après*. A primeira dessas considerações que achamos importante para elucidar o caráter refactório do pensamento pecheutiano é a quinta consideração:

5/ Eu tentei à minha maneira (Verdades de la palice, 1975) de tirar daí algumas consequências a respeito da concepção de ideologia dominante na luta de classes como processo de reprodução/transformação das formações ideológicas, tentando construir a ligação com o que Michel Foucault designava de seu lado pelo termo « formação discursiva », e propondo algumas descrições de fenômenos linguístico-discursivos da interpelação e do assujeitamento<sup>2</sup>. (Trad. Nossa)

Destaca-se aqui a reformulação da ideia de reprodução no sentido de considerá-la ao lado da transformação das ideologias. É interessante observarmos que Pêcheux reavalia a ideia de ideologia como reprodução e, se pensarmos que, para o autor, a ideologia se materializa discursivamente, o discurso deixa, automaticamente, de ser visto como algo apenas da ordem da reprodução. Outro ponto importante é que o autor reconhece ter utilizado à sua maneira o conceito foucaultiano de formação discursiva. Esse « à sua maneira » pode ser compreendido na medida em que ele utiliza o conceito de FD para pensar fenômenos linguístico-discursivos da interpelação e do assujeitamento. Ora, Foucault não fala em assujeitamento no mesmo sentido que Althusser bem como não trabalha

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP FCLAr.

<sup>2</sup> 5/ J'ai essayé à ma façon (Vérités de la palice, 1975) d'en tirer quelques conséquences sur la conception de l'idéologie dominante dans la lutte des classes comme processus de reproduction/transformation des formations idéologiques, en tentant de construire le lien avec ce que Michel Foucault désignait de son côté par le terme de « formation discursive », et en proposant quelques descriptions de phénomènes linguistique-discursifs d'interpellation et d'assujettissement. (PÊCHEUX, 1982, p. 1)



com o conceito de FD na perspectiva de um procedimento linguístico-discursivo, mas como conceito operatório na compreensão da produção dos saberes no interior da história: « Falando de assujeitamento dos indivíduos, eu pressuponho a referência aos trabalhos de Althusser e de Foucault, questionando a preexistência do sujeito como evidência antropológica fundamental<sup>3</sup>. » (Trad. Nossa)

Pêcheux continua com suas considerações e, na sétima delas, ele vai desdobrar o que disse na quinta consideração a propósito do caráter duplamente reprodutor/transformador das ideologias. Nesse momento, ele incorpora a noção de resistência no que concerne à relação dominante/dominado:

7/ O texto « Zu rebellieren und au denken wagen » (1978) reproduzido nos documentos do colóquio, tenta se desvencilhar desta ilusão « teoricista », procurando conceber a resistência, a revolta e a tendência revolucionária na ideologia como rupturas *internas* ao assujeitamento e à interpelação. A ideia principal é que a ideologia dominante nunca domina sem contradição, que não existe ritual ideológico sem falhas, e que estas múltiplas falhas são de fato o lugar de constituição das *ideologias dominadas*: nem um puro reflexo da ideologia dominante nas classes dominadas, nem um germe independente, *sui generis*, as ideologias dominadas aparecem assim como tomadas no paradoxo de uma ambiguidade que não cessa de as deslocar por des-regionalização ; o efeito « des-identificador » de uma tendência das massas ao « não-estado<sup>4</sup> ». (Trad. Nossa)

E a décima primeira consideração reafirma essa ideia da resistência ao Estado que se desenrola cotidianamente apelando para a importância da leitura das obras de Nietzsche, Freud, Wittgenstein e Foucault:

11/ Acrescento apenas desse ponto de vista que a relação fundamental do Estado com o cotidiano reenvia, a meu ver, à questão da ideologia como espaço de reproduções e de resistências multiformes, atravessadas por estas « lutas ideológicas de movimento » que trabalham os novos populismos de nossa época. Marxistas ou não, somos todos inevitavelmente confrontados com as questões que fazem eco às interrogações de Nietzsche, de Freud, de Wittgenstein ou de Michel Foucault, para citar apenas alguns daqueles que, como Althusser também tentou a seu modo, afrontaram o sonambulismo de nossa modernidade<sup>5</sup>. (Trad. Nossa)

<sup>3</sup> « En parlant d'assujettissement des individus, je présuppose la référence aux travaux d'Althusser et de Foucault, mettant en question la préexistence du sujet comme évidence anthropologique fondamentale. » (PÊCHEUX, 19[??], p. 2)

<sup>4</sup> 7/ Le texte « Zu rebellieren und au denken wagen » (1978) reproduit dans les documents du colloque, tente de prendre congé de cette illusion « théoriciste », en cherchant à concevoir la résistance, la révolte et la tendance révolutionnaire dans l'idéologie comme de ruptures *internes* à l'assujettissement et à l'interpellation. L'idée principale est que l'idéologie dominante ne domine jamais sans contradiction, qu'il n'y a jamais de rituel idéologique sans failles, et que ces multiples failles sont en fait le lieu de constitution d'*idéologies dominées*: ni un pur reflet de l'idéologie dominante dans les classes dominées, ni un germe indépendant, *sui generis*, les idéologies dominées apparaissent ainsi comme prises dans le paradoxe d'une ambiguïté qui ne cesse de les déplacer par dé-régionalisation ; l'effet « des-identificateur » d'une tendance des masses au non-état. » (1982, p. 2)

<sup>5</sup> 11/ J'ajoute seulement de ce point de vue que le rapport fondamental de l'État au quotidien renvoie, à mon avis, à la question de l'idéologie comme espace de reproductions et de résistances multiformes, traversées par ces « lutttes idéologiques de mouvement » qui travaillent les populismes nouveaux de notre époque. Marxistes ou non, nous sommes tous inévitablement confrontés a des questions qui font écho aux interrogations de Nietzsche, de Freud, de Wittgenstein ou de Michel Foucault, pour ne citer que quelques-uns de ceux qui, comme Althusser l'a aussi tenté de son côté, se sont affrontés au somnambulisme de notre modernité. » (PÊCHEUX, 1982, p. 3)



Todas essas considerações, refações e filiações que permitem a Pêcheux reformular sua concepção do que seria o assujeitamento o leva também a pensar de que maneira, a partir de que relações e a partir de que materialidades isso poderia se desenvolver. Nesse sentido, o autor propõe que se considere as práticas linguageiras, cognitivas e corporais, ou seja, essa nova forma de concepção do assujeitamento atravessada pelas leituras de Nietzsche, Foucault, Freud e Wittgenstein, se dá por meio da relação homem/língua, homem/pensamento e homem/corpo :

4/ Esta divisão nas formas históricas do assujeitamento ideológico é crucial para meu propósito: ela pode se esquematizar através de uma série de oposições concernentes a diferentes práticas nas relações dos sujeitos com seu corpo, com sua língua e com seu pensamento<sup>6</sup>. (Trad. Nossa)

Para finalizar as retomadas de leitura e, em alguma medida, os novos encaminhamentos que o pensamento pecheutiano tomaria a partir dos anos 1980, cito um último trecho em que Pêcheux retoma mais uma vez a importância de Nietzsche, Freud, Wittgenstein e Foucault:

E em particular de correr o risco de se confrontar ao que, de Nietzsche a Freud, de Wittgenstein a Foucault, começou a transformar as estruturas ideológicas da racionalidade, interrogando esta fragilidade móvel do pensamento, que não sobrevem apenas « do alto », nas certezas das « elites intelectuais » que acreditam dispor do privilégio da enunciação (conceitual, clara e distinta), mas tanto quanto e bem mais de baixo, através de uma miríade de balbucios equívocos construindo sua via (e sua voz) nos inestáveis<sup>7</sup>... (Trad. Nossa)

Em relação à Semiologia, o pensamento de Pêcheux presente nas fontes manuscritas do *dossier Sémiologie* é mais obscura. Não há um texto desenvolvido a respeito, mas apenas anotações esquemáticas e, por vezes, de difícil legibilidade. Em uma dessas anotações, lê-se:

Sémiologie et O<sup>8</sup> du geste

Liaison / O de représentations  
O politique

R. Barthes

Há ainda, no interior do mesmo dossier *Sémiologie*, outro caderno interessante com o título **ARTICUL**. Nele Pêcheux faz um *Selected rightings* onde figuram autores lidos e a serem lidos.

---

6 4/ Cette division dans les formes historiques d'assujettissement idéologique est cruciale pour mon propos : elle peut se schématiser à travers une série d'oppositions touchant à des différences pratiques dans les rapports des sujets à leur corps, à leur langue et à leur pensée [...]. (PÊCHEUX, 19[??], p. 3)

7 Et en particulier de prendre le risque de se confronter à ce qui, de Nietzsche à Freud, de Wittgenstein à Foucault, a commencé de transformer les structures idéologiques de la rationalité, en interrogeant cette fragilité mobile de la pensée, qui ne survient pas seulement « d'en haut », dans les certitudes d'«élites intellectuelles », croyant disposer du privilège de l'énonciation (conceptuelle, claire et distincte), mais tout autant et bien davantage d'en bas, à travers une myriade de balbutiements équivoques, se frayant leur voie (et leur voix) dans les interstices... (PÊCHEUX, 19[??]p. 11)

8 Esse « O » maiúsculo deixa aberta a possibilidade de, talvez, haver aí uma referência ao Outro psicanalítico pensado por Lacan que seria, nesse sentido, o que vem do inconsciente e da história. Ressalto que, no momento, isso é apenas uma elocubração que desenvolvo a partir do que estava pouco dado à compreensão nas fontes manuscritas.



Destaco os nomes de Bally, Barthes (Mitologias, Sistema da moda e A mensagem fotográfica), Buysens, Hjelmslev, Lèvi-Strauss, Vendryes, etc. A difícil legibilidade dos materiais e o pouco desenvolvimento das ideias contidas ali não nos permitem resgatar muito das preocupações em torno da semiologia. No entanto, é possível, ao menos, ter alguma medida de que Pêcheux não estava alheio a essas questões seja pela consideração de uma heterogeneidade de objetos (língua, pensamento, corpo), seja pelas anotações limitadas citando importantes nomes da semiologia francesa.

Ressaltamos que, em 1983, é publicado o texto curto – resultado de uma fala em uma mesa redonda realizada na ENS – em que o autor de *AAD-69* comenta as apresentações que foram feitas anteriormente na mesa redonda *Linguagem e sociedade*<sup>9</sup>. Ele destaca a relação de suas reflexões atuais com a obra de Barthes, o que reforça a ideia de uma possibilidade de correlação entre suas reflexões e a Semiologia.

Ao problematizar a memória, Pêcheux depara-se com a complexidade da inscrição de um acontecimento histórico, por meio de uma materialidade discursiva, em uma memória – “[...] sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador.” (PÊCHEUX, 2007, p. 50) – constitutiva de uma coerência interna. Nesse sentido, ao pensar na memória como algo estruturado discursivamente, é necessário considerar duas formas de inscrição que pareciam sem contato: as palavras e as imagens: “Corríamos o risco então de ter discussões agradavelmente paralelas, sem ponto de contato: por exemplo, uma sobre os textos e os discursos, e outra sobre a imagem.” (PÊCHEUX, 2007, p. 49)

A problemática das diferentes materialidades abre a possibilidade de uma genealogia da relação imagem e discurso na Análise do Discurso a partir dos trabalhos de Foucault<sup>10</sup>. Isso porque, como bem mostram Courtine (2009) e Gregolin (2007) – e Pêcheux o faz à medida que atesta o trabalho de Courtine (2009) com o texto *L'étrange miroir de l'analyse du discours* –, a presença de Foucault é de extrema importância para as proposições de Michel Pêcheux. Por que, então, não retomar o filósofo francês como ponto de partida para as reflexões em torno da relação discurso e imagem? Para isso é preciso voltar a alguns textos de Foucault para, a partir daí, chegar às proposições de Courtine. Esse trajeto pela obra de Foucault, suscita o diálogo de Courtine (2009) com Barthes e Ginzburg.

A questão de Courtine vai justamente no sentido de recusar uma prática teórica que estava bastante em voga nos anos 1960 na França, qual seja, a apropriação dos métodos da Linguística como meio de se analisar os objetos das ciências humanas. Isso acontecia na Psicanálise com Lacan, com a análise das imagens nos trabalhos de Barthes e com a Antropologia lévi-straussiana.

---

<sup>9</sup> Esses dados a respeito do texto de Pêcheux são dados pelo tradutor José Horta Nunes na introdução de *Papel da memória*. O título do livro, traduzido para o português coincide com o título da fala de Pêcheux, por isso, ao nos referirmos ao texto do autor francês, o título da fala vem entre aspas.

<sup>10</sup> O próprio Pêcheux começa a pensar essas questões em um momento em que cita a obra foucaultiana e barthesiana.



O lugar de Courtine é o de analisar histórico-antropologicamente as imagens e, nesse sentido, essa análise nos possibilita alargar o conceito de discurso tal qual concebido por Pêcheux inicialmente. Com efeito, se quisermos compreender o trabalho do autor, é preciso, inicialmente, nos desprender da ideia de que o discurso seria apenas uma sequência verbal. Ele pode ser também uma sequência verbal, mas isso não importa tanto quanto saber que se trata de um material histórico que merece atenção na mesma medida em que merecem as imagens. E esse “dar atenção” ao objeto significa compreender que uma sequência verbal não é da mesma natureza que uma imagem, fato que Barthes ignora ao adotar procedimentos ligados à materialidade verbal para analisar as imagens. A Semiologia barthesiana passa então por uma re-leitura vinda da relação de Courtine com a arqueologia foucaultiana que vai permitir colocar o discurso não do lado da Linguística, mas na ordem das preocupações históricas. De o *Discurso comunista endereçado aos cristãos* à *Historia do corpo* modificam-se tanto os métodos quanto os objetos de interesse e isso se deve a uma mudança de posição em relação ao lugar da Linguística a propósito do conceito de discurso.

O autor diagnostica a insuficiência do dispositivo analítico da AD e da Semiologia barthesiana para a compreensão de objetos não verbais. O trabalho de Courtine é justamente fazer funcionar a arqueologia foucaultiana que o leva, dentre outras categorias, à intericonicidade: “A questão posta aqui é a das formas materiais de uma cultura visual de massa.” (COURTINE, 2008, p.280)

Essa ideia da intericonicidade foi introduzida no Brasil a partir dos trabalhos de Nilton Milanez e é também trabalhada, no contexto francês, em um livro que se intitula *Diplopie: L'image photographique à l'ère des médias globalisés. Essai sur le 11 septembre 2001*, escrito por Clément Chéroux. O livro analisa a representação do 11 de setembro a partir das primeiras páginas de jornais de vários lugares do mundo para mostrar a recorrência de determinadas figuras tais como a nuvem de fumaça e a bola de fogo causada pela explosão dos tanques de combustível dos aviões.

Em “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, Ginzburg mostra como Giovanni Morelli, crítico de arte, adotava uma morfologia dos quadros para provar quais eram originais e quais eram falsos. Do lóbulo da orelha às pontas dos dedos, a tarefa clínica do semiólogo é desvendar o detalhe, a menor unidade significativa, aquilo que passa despercebido ao olhar: “[...] é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés.” (GINZBURG, 2003, p. 144)

Os limites deste trabalho não permitem explorar mais o percurso que vai de Pêcheux, passando pelos trabalhos de Foucault, até Courtine e Ginzburg. Esse trajeto de leitura teve como objetivo apenas apontar um caminho, dentre os vários possíveis, para a análise da materialidade discursivo-imagética. Desse modo, a saída mais interessante é compreender a necessidade de um deslocamento cada vez maior do campo estritamente linguístico para a compreensão do que se passa no campo das discursividades contemporâneas. Esse deslocamento, na proposta de leitura que



se apresenta aqui, exige a retomada de alguns fundamentos em torno da Antropologia de Courtine que nos possibilita propor uma Semiologia Histórica à luz da Análise do Discurso.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHÉROUX, C. *Diplopie*: L'image photographique à l'ère des médias globalisés. Essai sur le 11 septembre 2001. Paris: Le point, 2009.

COURTINE, J.J. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO. (org.) *História do corpo*. Vol. 3. [Trad. Bras. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008].

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História*. Trad. Frederico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LAVALLARD, P.; PÊCHEUX, M.; PLON, M. E pericoloso sporgesi. Ronéo SNCS, 1969. p. 1-12.

PÊCHEUX, M. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, J. J. *Análise do Discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009. p. 21-26.

\_\_\_\_\_. Texto pronunciado por Pêcheux em Berlim. Datilografado. Berlim, janeiro de 1982.

\_\_\_\_\_. *L'idéologie*: citadelle ou espace paradoxal ? Colloque International 1883-1983 : L'œuvre de Marx un siècle après, 19[??].